

Outubro 1955

51



A MORTE DE RODOLFO COUTINHO

De EVARISTO DE MORAES FILHO

HÁ cerca de três meses, noticiavam os jornais o trágico desaparecimento, de Rodolfo Coutinho. E a notícia era mais ou menos esta: foi encontrado um homem morto no leito da estrada de ferro, próximo à estação de São Cristóvão, inteiramente destroçado pelas rodas da composição, transformando-se num amontoado de carne absolutamente irreconhecível. Nos seus bolsos, nenhum documento capaz de identificá-lo, além da importância de Cr\$ 13,00. Quem era êsse homem, assim anônimo? Pela sua ausência prolongada de casa, noite adentro, pôs-se a sua família a procurá-lo por tôda parte, indo encontrá-lo na morgue do necrotério, onde foi possível identificá-lo sòmente através de impressão digital e de um trabalho prático.

Ora, vejam, e aí está a triste condição da criatura humana! Quem foi Rodolfo Coutinho? Que realizou de importante e de útil durante os anos que antecederam aquela triste notícia nos jornais? É o que nos propomos responder agora, embora de maneira rápida e circunstancial, mas o que não podíamos era deixar passar sem registro nesta nossa coluna a imensa perda para a cultura brasileira representada pela morte de Coutinho.

Nascido em Pernambuco há 53 anos atrás, diplomou-se Coutinho em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Recife, com 19 anos de idade. Logo depois de formado, quis aperfeiçoar-se em Economia Política. Matriculou-se na Universidade de Berlim, concluindo um curso sòbre aquela disciplina durante os períodos letivos de 1924-1925. Lá casou-se com uma jovem alemã — agora deixada viúva — voltando ao Brasil sòmente em 1927. Sempre voltado para os livros e idealista incorrigível, integrou-se Coutinho no nosso movimento social nascente de apòs-guerra, deixando-se contagiar pelo entusiasmo das reivindicações operárias. Fêz-se militante entre os anarquistas e sindicalistas de então, proporcionando-lhes aquilo que mais lhes faltava: uma teoria coerente e sistemática. Colocou os seus conhecimentos sociais e econômicos, históricos e filosóficos, a favor da nobreza de uma causa coletiva e anônima, a da libertação da exploração do homem pelo homem. Fundou partido, escreveu, lutou, mas tudo dentro daquele seu temperamento caladão, arredo e avêso à publicidade e ao escândalo.

O movimento de 1935 o foi encontrar na direção do Sindicato dos Professores desta Capital. Detido como suspeito — embora nada se conseguisse provar contra êle — ficou prêso, como tantos outros professores, pelo longo espaço de dois anos. Já àquela época se encontrava afastado de qualquer atividade prática de reivindicação social, desiludido com tudo e com todos. Parecia, contudo, que se mantinha fiel aos ideais políticos e revolucionários do trotskismo. Era um puro idealista.

Deixemos de lado a vida episódica e exterior de Coutinho, para surpreendê-lo em sua vida intelectual e íntima. Coutinho era, antes de tudo, um tímido. Legítimo lóbo da estepe, vivia sòmente para sua família e alguns poucos amigos. Nada lhe contrariava tanto como o cabotinismo e o açodamento literário ou científico. Voltado sempre para os livros, era encontrado diàriamente percorrendo os sebos da Rua São José, sujando as mãos e cansando os olhos na busca nervosa de uma alguma raridade perdida no tumulto do papel impresso. Lia e falava correntemente alemão, inglês e francês, como se fòssem seus idiomas naturais. Tivemo-lo como professor dos dois primeiros, e não o ultrapassaram em cultura e conhecimento da língua os três ou quatro professores alemães com quem estudamos posteriormente.

Quando, em 1940, precisou o Instituto do Alcool e do Açúcar de um tradutor para o difícil texto alemão de Lippmann, foi a Rodolfo Coutinho que entregou a sua *História do Açúcar* em dois grossos volumes e repleta de trechos em grego, latim e sânscrito. Outras tra-

CONCLUI NA PÁG. 62

duções realistas: entre
elas, Bizâncio, de Diehl. Última-
mente, voltava-se Coutinho para a
efetivação daquilo que seria a sua
obra definitiva, à qual iria empre-
star todo o pêso de sua cultura, da
sua probidade intelectual e do seu
esfôrço: iria escrever a história da
indústria no Brasil. Mas, já a sua
saúde não era boa, sendo visível a
ôlho nu o seu sofrimento e a sua
ansiedade. Em encontros casuais de
rua, não escondia êle a sua irrita-
ção e a sua inquietude pelo seu es-
tado orgânico. Parecia um leão fe-
rido, sempre rebelde, inquieto, ten-
tando liberta-se do mal que o
afligia.

Há mais de dez anos lecionava
Coutinho no Colégio Pedro II, ensi-
nando História Geral. Representou
êle um dêsses poucos valores au-
tênticos, que vão se tornando tão
raros no Brasil de hoje, sempre
preocupado com o livro, fazendo
da biblioteca particular o seu úni-
co bem econômico, alheio às pane-
linhas literárias, ao êxito fácil e
espalhafatoso, como muitos que
por aí andam, cheios de glória, car-
regando na alma uma mediocrida-
de insanável. Ninguém sabe como
se deu a morte de Coutinho, nem
como foram seus últimos momen-
tos. Com êle perdeu-se um autên-
tico homem de ciência e de estudo.
Morreu como viveu: um lôbo da
estepe.